

REALISMO PORTUGUÊS

OBRA: O PRIMO BASÍLIO

AUTOR: EÇA DE QUEIRÓS

CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL:

O final do século XVIII trouxe a definitiva ascensão da burguesia ao poder político na Europa. O marco histórico desse processo foi a Revolução Francesa de 1789. Ao longo do século seguinte, a consolidação do poder burguês se fazia de forma cada vez mais marcante, principalmente em função do desenvolvimento que o Capitalismo alcançaria no período. Esse desenvolvimento se deveu, basicamente, a uma acelerada industrialização, que acentuou os mecanismos de exploração social do sistema capitalista. A disputa por mercados de consumo de manufaturados e por áreas de exploração de matérias-primas agravou a rivalidade entre os países industrializados – processo conhecido como Imperialismo.

As desilusões com os rumos da Revolução Francesa já se tinham feito sentir no próprio movimento romântico.

Mas o quadro descrito acima aumentaria ainda mais a decepção. A base espiritualista e sentimental do Romantismo cedeu espaço (embora sem desaparecer) para **concepções materialistas e racionalistas**.

Surgiram, em toda a Europa, filosofias que buscavam explicar a realidade através de parâmetros científicos: tratava-se do **cientificismo**. A mais representativa dessas filosofias foi o **Positivismo**,

surgido a partir dos escritos de Auguste Comte. O Positivismo pretendia constituir uma teoria geral do conhecimento, a partir da qual todos os aspectos da realidade poderiam ser explicados e normatizados.

Outra tentativa nesse sentido foi o **Determinismo**, segundo o qual as ações humanas poderiam ser determinadas e previstas a partir da análise de alguns fatores básicos, como o meio social, a raça dos indivíduos envolvidos naquelas ações e o momento histórico em que elas acontecessem.

O **Evolucionismo** de Darwin (Origem das espécies em 1859) e as **Leis das Selvas**, também contribuíram para o cientificismo.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO REALISMO/ NATURALISMO:

- **Universalismo:** temas que se adequam em qualquer época histórica, ou espaço geográfico.
- **Materialismo:** como uma negação ao sentimentalismo romântico e à metafísica.
- **Contemporaneidade:** para o Realismo o que importa é retratar o momento presente, o contemporâneo e a realidade com fidelidade, o que o leva a criticar o escapismo do Romantismo.

- **Cientificismo: Determinismo**, de Hypolite Taine e sua Filosofia da arte, os escritores realistas seguem a teoria de que a obra de arte está determinada por três fatores: Meio, momento e raça (hereditariedade).

Lei das Selvas, de Darwin – Em um meio, só o forte sobrevive:
FORTE X FRACO
 Burguesia x Proletariado

Positivismo, de Comte – a ciência é de importância capital religião da humanidade sociedade voltada para o progresso, enquanto o poder espiritual passa para a mão dos sábios fundação de uma religião da Humanidade, idéia propagada por Comte no final de sua vida, que propõe um culto à Humanidade em seu desenvolvimento permanente, ao mesmo tempo que nega a existência de um Deus transcendente ao homem.

- **Anticlericalismo**: “a religião é o ópio do povo”, pois o distancia da realidade, daí o Realismo e Naturalismo criticarem a igreja e os clérigos serem corruptos, mulherengos e hipócritas.

- **Crítica à nobreza**: postura republicana

- **Crítica à burguesia**:

Realismo: critica à burguesia.

Naturalismo: retrata a mazela humana

Romantismo: retrata os costumes burgueses

- **Crítica ao comportamento feminino burguês**:

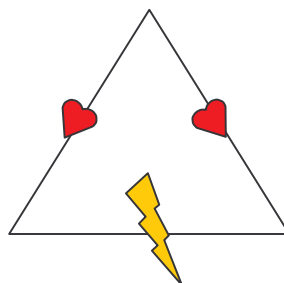
Realismo: a ociosidade da mulher burguesa leva-a ao adultério ou ela, de tanto ler romances românticos torna-se acéfala. Já a mulher no Realismo aparecerá como ou adúltera ou acéfala ou prostituta.

Naturalismo: sexo por necessidade biológica

Romantismo: mulher macilenta, pálida, magra, frágil, meiga e delicada, mulher espiritual.

- **Triângulo amoroso**:

Heroína (adúltera, acéfala ou prostituta)



Forte
Esperto
Burguesia

Fraco
Ingênuo
Proletariado

Dominante

Dominado

- **Personagens esféricos:**

Realismo: possuem profundidade psicológica (esféricos), pensam, traçam planos, são dissimulados. Não se dividem em HERÓI X VILÃO, não há maniqueísmo. Na luta do BEM X MAL, vence o mais esperto.

Naturalismo: não possuem profundidade psicológica, agem por necessidade, na luta pela sobrevivência vence o mais forte.

Romantismo: são planos, não têm profundidade psicológica, seguem o maniqueísmo: HERÓI X VILÃO, BEM X MAL: na luta do Bem contra o Mal, o Bem é o vencedor.

- **Psicologismo:**

Para o realista, o homem é um caso psicológico a ser estudado, daí os autores darem ênfase nas características psicológicas dos personagens.

Para o naturalista, o homem é um caso patológico a ser estudado, ele não é personagem esférico, pois age por instinto, pela sobrevivência (preferência por habitações coletivas); e sua descrição tende ao grotesco ou ao zoomorfismo.

Importante: em muitas obras realistas ou naturalistas aparecem personagens descritos, fisicamente, de forma romântica (mulher pálida, magra, macilenta, frágil, meiga e delicada), isso não é resíduo romântico, mas uma forma do realista/ naturalista criticar a idealização dos personagens no Romantismo.

- **Sexo:**

Realismo: sexo por interesse, dinheiro ou distração

Naturalismo: sexo por necessidade biológica

Romantismo: o amor é espiritualizado, sublimado, portanto não há concretização do amor.

- **Detalhismo:** o detalhismo no Realismo/ Naturalismo nas descrições torna a narrativa lenta.
- **Ironia:** maneira sutil de dizer verdades desagradáveis.

- **Linguagem:**

Realismo: linguagem culta

Naturalismo: chula

Romantismo: coloquial

INÍCIO DO REALISMO EM PORTUGAL:

- 1865 – Questão Coimbrã

PERÍODO LITERÁRIO:

Realismo Português. O romance faz parte da 2ª fase do autor, onde sua produção é marcada pela influência realista-naturalista, compondo um vasto quadro da sociedade portuguesa da época ele analisa e critica as instituições, a hipocrisia do clero, a aristocracia decadente e a família burguesa lisboeta. Assim afirma o autor: “ a família

lisboeta produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem, e mais tarde ou mais cedo centro de bambochata.”

CAPÍTULO I

Onze horas na sala de jantar, Jorge, engenheiro de minas, fechou um volume de *Luís Figuier* (escritor francês, popular por seus livros de divulgação científica), Luísa, sentada à mesa, lia o Diário de notícias, *“no seu roupão de manhã de fazenda preta, bordado a soutache, com largos botões de madrepérola; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e Láctea das louras; com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento lento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates.”*

Tinham acabado de almoçar, Jorge enrolou um cigarro e começou a pensar na viagem que faria. Era a primeira vez que se separaria de Luísa. Jorge era robusto, de hábitos viris, tinha ombros fortes e gênio manso; era um homem caseiro e nunca fora sentimental. Após a morte da mãe, começou a se sentir só, conheceu Luísa, apaixonou-se por seus cabelos louros e casou-se. Segundo seu amigo íntimo, Sebastião, ele havia se casado no ar. Estavam casados há três anos; Luísa interrompe os devaneios do marido e lê alto que Basílio chegaria a Lisboa, tinha ido ao Brasil fazer fortuna, ele era bem conhecido da sociedade.

Luísa deixa o seu descanso e vai verificar com Juliana, a criada, se os coletes de Jorge estavam prontos para a viagem, não estavam. Retorna ao quarto, Luísa e Jorge discutem por causa de Juliana, pois a jovem não gosta da criada e o marido diz que tem uma dívida de gratidão, pois a mesma, com dedicação, cuidou de sua tia Virgínia até à morte. Enquanto Jorge termina de se arrumar para sair, Luísa, emocionada, termina de ler *A Dama das Camélias* e pensa em seu antigo namorado, Basílio, vaidoso e chique, que terminara o namoro por causa da partida para o Brasil, em busca de fortuna.

Lembra-se de que conhecera Jorge três anos depois e de que se casara com ele não por amor, mas por segurança. Era fiel e uma boa dona de casa.

Juliana avisa-lhe que Leopoldina, conhecida em toda a cidade como pão de queijo (Portugal inteiro comia), chegara. Luísa assusta-se, pois Jorge não gostava dela por causa dos inúmeros amantes e fumava. Apesar de tudo ela admirava a antiga amiga, considerava-a uma infeliz no casamento e agia como as heroínas românticas em busca de uma grande paixão. Conversaram bastante tempo e Luísa se excitava com suas histórias picantes. Jorge ao chegar, fica sabendo por Juliana, que Leopoldina esteve ali, irrita-se e repreende a esposa pela visita indesejável. Luísa, cheia de cólera vai falar com a criada fofqueira que diz ter agido ingenuamente.

CAPÍTULO II

Como de costume, o casal recebia um grupo de amigos sempre aos domingos para uma pequena reunião social, eram eles: **Julião Zuzarte**, parente muito distante de Jorge; era um homem seco e nervoso, com lunetas azuis, os cabelos compridos caídos sobre a gola, cirurgião, estudioso e inteligente. Aos trinta anos ainda era pobre e via os medíocres e superficiais, subirem na vida e ele por ter um orgulho resistente e muita fé nas suas faculdades, não conseguia prosperar na vida, sonhava com um bom salário e com uma vida luxuosa. Era irônico, despeitado, amargo e sentia inveja de todos. Luísa não gostava dele, mas tinha que fingir porque Jorge o admirava. **Dona Felicidade de Noronha**, 50 anos, tinha sido amiga da mãe de Luísa, era gorda, sofria de dispepsia e gases, suas formas transbordavam. Sua cara era lisa, redonda, cheia, de uma lavura baça e mole de freira; nos olhos papudos, com a pele já engelhada em redor, luzia uma pupila negra e

úmida, muito móbil; e os cantos da boca uns pêlos de buço pareciam traços leves e circunflexos de uma pena muito fina. Solteirona, era apaixonada pelo Conselheiro Acácio e sua careca. Assim que o via, punha-se a falar alto com um sorriso parvo e a abanar-se convulsivamente. E quando ela lhe fazia qualquer demonstração sentimental, ele se afastava todo pudico e severo. Ultimamente tinha pesadelos lascivos. **Conselheiro Acácio**, alto, magro, todo vestido de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia se alargando até à calva vasta e polida, tingia os cabelos que de uma orelha a outra lhe faziam colar por trás da nuca., mas não tingia o bigode, farto, grisalho, caído aos cantos da boca. Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo e as orelhas grandes muito despegadas do crânio. Fora diretor-geral do ministério do reino e sempre que dizia – El-Rei! – erguia-se um pouco da cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviais; não dizia vomitar, fazia um gesto indicativo e empregava restituir. Dizia sempre “o nosso Garret”, “o nosso Herculano”. Era autor. **Ernestinho Ledesma**, primo de Jorge, pequenino, linfático, membros franzinos, ainda quase tenros; davam-lhe um aspecto débil de colegial; o buço, delgado, empastado em cera-mostache arrebentava-se aos cantos em pontas afiadas como agulhas; e na sua cara chupada, os olhos repolhudos amorteciam-se com um quebrado langoroso. Trazia sapatos de verniz com grandes laços de fita; sobre o colete branco, a cadeia do relógio sustentava um medalhão enorme, de ouro... Vivia com uma atrizita do ginásio, uma magra, cor de melão, com o cabelo muito riçado, o ar tísico, - e escrevia para o teatro. Ultimamente trazia um drama em cinco atos: *Honra e paixão*, era a sua estréia séria. Era funcionário da alfândega e escrevia por amor à arte. Ao chegar, queixou-se com os amigos, pois na véspera, tivera que refazer todo o final de um ato, só por causa do local da cena; Ernestinho queria num abismo e o produtor, numa sala. O Conselheiro quis conhecer o lance, Ernestinho, esboucou o enredo: Uma mulher casada havia se encontrado em Sintra, um homem fatal, o Conde de Monte-Redondo. O marido, arruinado, devia cem contos de réis ao jogo. Estava desonrado e ia ser preso. A mulher, louca, deixa cair o véu e o conde paga a dívida. O Conde e a mulher amam-se, o marido descobre e joga todo o dinheiro aos pés do conde e mata a esposa atirando-a no abismo. O conde ao saber da morte da amada, atira-se no abismo também e o marido traído cruza os braços e dá uma gargalhada infernal. O problema era que o empresário queria a cena em uma sala e com outro final, o marido perdoava à esposa, pois o público não era afeto às cenas de sangue. Todos gostaram do novo final, menos Jorge, exigindo que Ernestinho a matasse. Exaltado, falava: “*Se enganou o marido, sou pela morte.*”

Conselheiro Acácio interveio, achando a atitude de Jorge anticivilizadora, mas Jorge não mudou de opinião. Enquanto os amigos o chamavam de *tigre*, *Otelo* e *Barba-Azul*, ele ria. **Sebastião**, amigo íntimo de Jorge, inseparáveis desde a infância, chega. Era um homem baixo e grosso, todo vestido de preto, com um chapéu mole na mão. Começava a perder um pouco na frente os seus cabelos castanhos e finos. Seu rosto tinha uma expressão honesta, simples, aberta: os olhos pequenos, azuis de um azul-claro, de uma suavidade séria, os beiços escarlates, sem películas secas, os dentes luzidios, revelavam uma vida saudável. Jorge chama o amigo ao escritório e contrariado, fala da visita de Leopoldina, temia pela má vizinhança na rua estreita em que moravam; aproveita e pede ao amigo, que durante a sua ausência, faça visitas à Luísa, pois era necessário alguém adverti-la sobre o que não devia fazer

CAPITULO III

Já fazia doze dias que Jorge havia partido e Luísa, enfasiada de ficar só, preparava-se para ir à casa de Leopoldina, Juliana abre a porta e pede-lhe permissão para ir ao médico, havia passado a noite em claro, estava ainda mais amarela e o olhar muito

pisado. Luísa deu-lhe permissão, desde que antes de ir ela arranjasse tudo e não se demorasse.

Antes de sair, Juliana avisa **Joana**, a cozinheira, amante de Pedro, um carpinteiro vizinho. Como não podia sair para encontrá-lo, vivia olhando para o local onde ele trabalhava e quando tinha oportunidade, metia-o em casa pela porta de trás. *“Era uma rapariga muito forte, com peitos de ama, o cabelo como azeviche, todo lustroso do óleo de amêndoas doces. Tinha a testa curta de plebéia teimosa. E as sobranceiras cerradas faziam-lhe parecer o olhar mais negro.”*

Sendo solteirona, Juliana, detestava aquele escândalo do carpinteiro e da cozinheira, mas protegia-o e elogiava a cozinheira, pois valiam caldinhos ou bifes que Joana dava-lhe às escondidas da senhora .

Juliana estava revoltada por estar doente e ser tratada pela patroa como se fosse um cão, furiosa com Luísa, por não Ter dado importância às suas dores, varre a escada violentamente, quando é surpreendida pela chegada de um rapaz que parecia estrangeiro, era trigueiro, alto, tinha um bigode levantado, um ramo na sobrecasaca azul, e o verniz dos seus sapatos resplandecia.

Juliana avisa a patroa sobre a visita e quando esta lhe questiona sobre a espécie de homem, a criada responde que o homem era um janota.

Luísa, toda escarlate, recebe a visita do primo Basílio. Após um *shake-hands* demorado, ele elogia a beleza da antiga namorada e conta sobre suas viagens.

Luísa olhava **Basílio**. Achava-o mais varonil, mais trigueiro. No cabelo preto anelado havia alguns fios brancos; mas o bigode pequeno tinha o antigo ar moço, orgulhoso e intrépido; os olhos, quando ria, a mesma doçura amolecida, banhada num fluido. Reparou na ferradura de pérola da sua gravata de cetim preto, nas pequeninas estrelas brancas bordadas nas suas meias de seda... Voltara mais interessante.

Basílio trouxe-lhe presentes, voltaria com eles no dia seguinte: um rosário, uma relíquia benta pelo primeiro patriarca de Jerusalém sobre o túmulo de Cristo e um par de luvas de verão com oito botões, ele aproveita para criticar as de Portugal que só tinham dois.

Luísa passou o resto da tarde e da noite pensando em Basílio, às vezes seus pensamentos eram interrompidos pela lembrança de Jorge.

Juliana entra para acender as luzes e Luísa diz-lhe que ela se parecia com a morte. A criada se ofende e já no seu quarto abafado, escuro, repleto de percevejos e insetos. Sem a cuia e com um lenço preto e amarelo amarrado na cabeça, seu rosto parecia mais chupado, e as orelhas mais despegadas do crânio; a camisa decotada descobria as clavículas descarnadas; a saia curta mostrava as canelas muito brancas, muito secas.

Pensa em sua vida: *“nascera em Lisboa, seu nome era Juliana Couceiro Tavira. Sua mãe fora engomadeira; e desde pequena tinha conhecido em casa um sujeito a quem chamavam na vizinhança – o fidalgo, a quem sua mãe chamava – o senhor D. Augusto. Vinha todos os dias, de tarde no verão, no inverno de manhã... À noite o senhor D.*

Augusto voltava; trazia sempre um jornal; sua mãe fazia-lhe chá e torradas, servia-o, toda enlevada nele. Muitas vezes Juliana a vira chorar de ciúmes.

Juliana foi servir e alguns meses depois, sua mãe morreu e desde então ela só viu o senhor D. Augusto uma vez.

Servia havia vinte anos. Mudava de amos, mas não de sorte. Vinte anos a dormir em cacifos, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer repelões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando vinha a saúde!...Era demais! Tinha agora dias em que só de ver o balde das águas sujas e o ferro de engomar se lhe embrulhava o estômago. Nunca se acostumara a servir. Desde rapariga a sua ambição fora ter um negociozito, uma tabacamas, uma loja decapelista ou de quinquilharias, dispor, governar, ser patroa; mas apesar de economias mesquinhas e de cálculos

sôfregos, o mais que conseguira juntar foram sete moedas ao fim de anos; tinha então adoecido; com o horror do hospital fora tratar-se para a casa de uma parenta; e o dinheiro, ai! Derreteria-se! No dia em que trocou a última libra, chorou horas com a cabeça debaixo da roupa.

Ficou sempre adoentada desde então. Terias de servir até ser velha, sempre de amo em amo! Começou a azedar-se.

Graças as antipatias que a cercavam nas casas, ela tornou-se má, beliscava as crianças, saía com escândalos, deixava todas as amas pálidas e nervosas.

Tia Vitória, uma *inculcadeira*, amiga sua, dava-lhe conselhos para mudar de comportamento, pois ficaria sem emprego. Juliana era fina, então, passou a se fazer de pobre mulher, cultivar um ódio azedo e a ficar feliz com a infelicidade das patroas. A necessidade de se constranger trouxe-lhe o hábito de odiar; odiou sobretudo as patroas, com um ódio irracional e pueril. Todos os lutos a deleitavam.

Sempre fora invejosa; com a idade o sentimento exagerou-se de um modo áspero. Era também muito curiosa, cheirava e revirava qualquer carta que chegava, remexia nas gavetas sutilmente. Era gulosa e adorava vinhos.

Nunca tivera um homem, era virgem. Sempre foi feia e o único homem que a olhara com desejo tinha sido um empregado da cavalaria, atarracado e imundo.. E o primeiro homem por quem ela se interessou foi um criado bonito e alourado, mas este rira-se dela e a chamara de *isca-seca*.

Sua grande esperança de mudar de vida foi trabalhar para a sra. D. Virgínia Lemos, uma viúva rica, tia de Jorge, muito doente, quase a morrer com catarro na bexiga. Virgínia era muito rabugenta, mas na esperança de receber algum dinheiro como herança, fez com que Juliana a enchesse de mimos, mas a velha morre e sequer a cita no testamento.

Juliana adocece e Jorge, em consideração, pagou-lhe um quarto no hospital, assim que saiu, passou a servir na casa de Jorge.

CAPÍTULO IV

Juliana descansa após arrumar a sala que com a visita de Basílio, estava um chiqueiro. Já na cozinha tomando caldo, Juliana escuta a campainha tocar várias vezes, mas não se move, Luísa grita para que atenda e Juliana desce furiosa. Era Basílio com um embrulho debaixo do braço. Chega Sebastião, mas quando Juliana avisa que sua senhora está com a visita de um janota, ele se recusa a entrar e vai-se embora. No domingo, Luísa dá um bilhete lacrado pra Juliana levar à D. Felicidade.

Durante todo o dia, Luísa não saiu do quarto, mas à noite, Juliana se surpreende ao ver a patroa com um vestido preto, ia sair com dona Felicidade. No passeio público, encontram-se com Basílio. D. Felicidade diz a Basílio que gostava de teatro e ele diz que em Portugal representavam muito mal.

Os três trocam idéias sobre leituras, Luísa tinha se aborrecido muito passando o dia todo a ler, já Basílio lera um romance picante, *A mulher de fogo*, e Dona Felicidade, ao *O rocambole*, descobriu que a leitura lhe aumentava a indigestão. A solteirona logo lhe falou das suas dispepsias e Basílio achou muito *chic*, chegam a trocar receitas, fazendo a velha senhora achá-lo muito simpático.

Logo de manhã, Luísa recebe flores de Sebastião, mais tarde chega Basílio e em seguida, Julião. Luísa envergonha-se do colarinho enxovalhado e com o velho casaco mal feito de médico, preocupa-se com a idéia que Basílio faria das relações, dos amigos da casa, sentia seu *chic* diminuindo.

Basílio, recostado no sofá, como um parente íntimo, cofiava indolentemente o bigode, arrebitando o dedo mínimo, onde brilhavam, dois grossos anéis de ouro, uma safira e um rubi. A afetação dos gestos e o reluzir das jóias irritavam Julião.

Basílio e Luísa começam a conversar sobre os parentes e fidalgos, coisas desconhecidas de Julião, que sentindo-se ignorado, acaba indo embora. Assim que o médico sai, Basílio o chama de pulha, e que mesmo sendo pobre deveria ter meios de escovar o casaco e limpar a caspa, recebê-lo em casa era uma vergonha, falou ainda que ela não tinha sido educada para ter gente desse gênero em casa.

A campainha soa novamente e Luísa se assusta, temendo que fosse Sebastião, pois Basílio o acharia mais reles. Para seu alívio, era o Conselheiro Acácio. Os três conversam e depois cantam.

Mais tarde, Basílio e Luísa estão sozinhos e ele resolve investir de uma maneira mais agressiva, toma a mão de Luísa e beija. Fica de voltar no dia seguinte.

Sebastião é questionado pela vizinhança sobre a freqüente figura na casa de Luísa, fato que o preocupa, mais preocupado ainda, fica quando descobre que a visita era Basílio, primo de Luísa. Não o conhecia pessoalmente, mas conhecia a sua fama boêmia e que havia ido para o Brasil, fugindo de credores.

Sebastião era só e tinha uma pequena fortuna; vivia com duas criadas muito antigas: Vicência, a cozinheira e tia Joana, a governanta, era baixinha e gorda, com um sorriso muito bondoso, servia-o há trinta e cinco anos. Tinha os cabelos brancos presos no alto com um pente de tartaruga; trazia um lenço sempre muito branco sobre o peito. Todo o dia passarinhava pela casa, com o seu passinho arrastado, fazendo tilintar os molhos de chave, resmungando provérbios, tomando rapé de uma caixa redonda. A casa assemelhava-se ao seu dono, **Sebastião**. *Ele tinha um gênio antiquado. Era solitário e acanhado. No colégio, chamavam-no peludo, punham-lhe rabos, roubavam-lhe as merendas. Apesar de ter a força de um ginasta, oferecia a resignação de um mártir. Mesmo sendo inteligente, a sua timidez fazia-o reprovar nos exames. Sua inclinação mesmo era pela música.* Jorge e Sebastião eram amigos desde a infância; Jorge era sempre o dominante e Sebastião, o dominado. Quando a mãe de Jorge morreu, pensaram em morar juntos, mas Jorge conheceu Luísa e a sociedade Sebastião e Jorge foi por água abaixo. Mesmo sofendo, era Sebastião quem tirava os espinhos das rosas que Jorge levava à Luísa. Fora ele também que cuidou de todos os arranjos do casamento e da casa. Depois do casamento, Sebastião sentia-se muito só. – ***Tia Joana é uma espécie de antítese de Juliana. Percebe-se que os únicos personagens que o autor poupa são Tia Joana, descrita com ternura e Sebastião como um homem tímido e com boa conduta moral.***

Luísa recebe uma carta queixosa do marido, sua consciência pesa ao pensar nos beijos de Basílio. Resolve não receber Basílio, pensa em escrever-lhe para não vir mais, mas por outro lado, como estivesse só, nada teria a perder. Juliana ouve os suspiros de Luísa e percebe que algo havia entre os primos havia acontecido.

Sebastião, preocupado, vê Basílio entrar na casa de Jorge. Luísa recebe-o de roupão, após sentar-se aos seus pés e chupar-lhe o dedo mínimo, Basílio a convida para um passeio no campo, mas no dia seguinte quando ele vai visitá-la, que passeio que nada, sequer toca no assunto do passeio, do seu amor ou desejo. Habilmente começa a tagarelar todo contente e de todas as mulheres que falava, dizia: *“era uma mulher distintíssima; tinha, naturalmente, o seu amante...”*. O adultério, pelo visto, era um dever aristocrático e a virtude, o defeito de um espírito pequeno. Antes de sair, disse todo cheio de lamúrias que iria partir, nada tinha a fazer ali e após dizer um *“adeus, meu amor...”*, saiu. Luísa, à tarde, tinha os olhos inchados e vermelhos de tanto chorar.

O plano de Basílio surtira efeito. No dia seguinte, fora ela quem tocara no assunto do passeio no campo, aceitaria ir, desde que fosse num coupé fechado, e no calor que fazia, era *“abafar-se numa boceta”*, disse Basílio.

Grande parte da vizinhança já comentava sobre o janota que visitava Luísa todos os dias.

Sebastião, todo preocupado vai à procura de Julião, encontram-se na confeitaria. O médico diz que Basílio é um asno e que se atirava sobre Luísa. Sebastião fica escandalizado e Julião culpa Luísa, se ela recebe o primo em casa, é porque ele a agrada.

CAPÍTULO V

Certo dia de muito calor, Juliana, após um acesso de cólera, passou mal. Motivo: Luísa deu-lhe um cesto de colarinhos, chamou-a de porcária de engomadeira e estavam pouco engomados. Assim que melhorou, saiu para ir ao médico e no caminho é questionada pela vizinhança sobre a figura do janota, fato que alimentou a sua desconfiança.

Finalmente Luísa aceitou o convite do primo para um passeio no campo. No caminho, dentro do coupé, Basílio prendeu-lhe o pulso e deu-lhes muitos beijos longos *na pele fina, azulada de veiazinhas*. Basílio agarra-a com sofreguidão e a enche de beijos no pescoço, face, chapéu. Luísa resiste e Basílio pede-lhe perdão. Ele tenta seduzi-la, mas ela resiste. Na segunda tentativa, convida-a para fugir e a enche de beijos e abraços. Após um soluço ela murmura um doloroso: “- *Não diga tolices.*” Antes de descer do coupé, ela pede-lhe que não falte no dia seguinte. Basílio parte rumo ao Grêmio, sentindo-se vitorioso

Lá, encontra-se com um amigo, Visconde Reinaldo, ambos tinham vindo de Paris. Basílio fala-lhe sobre a prima e que a vitória da conquista estava perto. Reinaldo achava a temperatura de Lisboa reles, trazia lunetas defumadas e andava saturado de perfumes por causa do cheiro “*ignóbil de Portugal.*” Assim que viu Basílio deixou escorregar o Times e com os braços moles e voz desfalecida diz a Basílio que queria ir para o Norte.

Assim que Luísa entra em casa, Sebastião a aguardava, ia adverti-la sobre os comentários da vizinhança, mas ao ouvir o nome de Jorge, Luísa alega enxaqueca e Sebastião deixa a casa sem lhe tocar no assunto.

Luísa, após receber um ramo de rosas de Sebastião, aguarda ansiosamente a visita de Basílio. Estava atrasado e ela, preocupada, vai ao escritório de Jorge, agarra uma folha de papel e escreve-lhe:

“Querido Basílio.

Porque não vens? Estás doente? Se soubesse os tormentos por que me fazes passar...

A campanha soou, ela amassou o bilhete e correu à porta, achava que fosse Basílio, mas para sua decepção, era Sebastião. Ele lhe fala dos comentários dos vizinhos sobre a visita do primo e Luísa se sente insultada e defende-se. Porém, quando Sebastião menciona Julião, ela exaspera-se ainda mais e com a voz estridente pergunta-lhe com que direito eles se metiam no que passava na casa dela. Por fim, Luísa o agradece. Sebastião estava assustado, nunca tinha visto Luísa assim, com os olhos reluzindo febrilmente e a cada momento limpando os cantos secos da boca.

Depois de toda a cena, Sebastião a aconselha a falar a verdade a Basílio e antes de sair, o amigo promete segredo.

A lembrança dos olhares de Basílio, as palavras exaltadas fizeram-na corar, mas ao reconhecer que seria sempre fiel a um único homem, irritou-se.

Por fim, Leopoldina chegou. Após o jantar, ela fala à Luísa que o banqueiro Castro era apaixonado por ela. Beberam demais e Juliana escolta Leopoldina até à casa.

A chegada de Basílio tira Luísa da solidão; assim que ele entra, diz-lhe que estava de partida. Ele envolve a prima com juras de amor, *apertando-a contra-si. Ela fica imóvel à beira do divã, quase a escorregar, os braços frouxos, o olhar fixo, a face envelhecida, o cabelo desmanchado.* Luísa lembra-se de Sebastião e fala ao amante que era tarde. Após beijá-la muito, sai.

Juliana chega e Joana comenta que o primo chegou assim que ela saiu. A engomadeira vai à sala e encontra a travessa de Luísa no chão, sinal, sem provas ainda, de que “algo mais abrasador havia ocorrido”. Com a desculpa de fechar a sala, vai verificar se Luísa estava com alguém.

No Grêmio, Basílio fala ao visconde Reinaldo que enfim havia conseguido o que queria, ela era um anjo...

CAPÍTULO VI

Na manhã seguinte, Luísa recebe um bilhete de Basílio marcando um encontro, lembra-se que é saudável possuir um amante e se arruma com esmero. Justifica seus pensamentos com o fato de muitas mulheres famosas os terem também.

Juliana, nesse dia estava diferente, enquanto trabalhava, cantarolava a *Carta adorada*. Com certeza, o bilhete que havia encontrado no bolso de Luísa: “*Por que não vens?... Se soubesses o que me fazes sofrer..., valeria ouro.*”

Luísa saudava a manhã e agora concordava com Leopoldina, realmente, uma maldadezinha fazia a gente se sentir bonita. Sentia-se importante, afinal, agora tinha um amante.

Toda feliz resolve escrever a Basílio:

“Meu adorado Basílio.

Não imaginas como fiquei quando recebi a tua carta, esta manhã, ao acordar. Cobri-a de beijos...

Que tristeza que fosse a carta e que não fosses tu que ali estivesses!... não foi superior ao sentimento que me impelia para ti, meu adorado Basílio. Era mais forte do que eu, meu Basílio... É superior a mim. Sempre te amei, e agora que sou tua, que te pertença de corpo e alma, parece-me que te amo mais, se é possível...

Ao ouvir que alguém a procurava, assustou-se e achando que fosse Jorge, amassou o bilhete e jogou no lixo. Era D. Felicidade com tonturas, enquanto isso Juliana arrumava a sala e a costureira aguardava Luísa.

Após ouvir a solteirona lamentar o descaso que o Conselheiro Acácio a tratava, corre ao escritório, mas a lixeira estava vazia. Pergunta a Juliana sobre os papéis que lá estavam, mas a criada lhe responde que já estavam no barril de lixo. Luísa corre pra verificar, mas já estava vazio também, Joana tinha acabado de esvaziá-lo.

Luísa lembra-se do bilhete que escrevera na véspera e corre ao quarto pra verificar o bilhete que escrevera na véspera, tranqüila, vê que o mesmo ainda estava lá, todo amassado no bolso da algibeira.

D. Felicidade revela um segredo à Luísa, iria para a terra de um galego onde havia uma senhora que era excelente em deitar a sorte a um homem. – **o CHARLATANISMO no século XIX é criticado por Manuel Antônio de Almeida em Memórias de um sargento de milícias, por Machado de Assis em várias obras e por Eça de Queirós, em O primo Basílio.**

Chega um outro bilhete de Basílio, dizendo Ter encontrado um ninho de amor. D. Felicidade a convida para irem à Consolação cuidarem de um conhecido com furúnculo, mas Luísa recusa e apronta-se para ir ao idílio.

Na rua, Luísa, toda de preto, acena para Julião e Sebastião, que acha impossível alguém suspeitar da honra de alguém tão distinta quanto ela, uma santinha.

Ela vai toda feliz, seria a primeira vez que se encontraria com o amante no Paraíso, enfim ela teria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos; experimentaria sensações excepcionais, agora sim, tinha uma casinha misteriosa, o segredo ilegítimo e as palpitações de perigo. Enquanto percorre o caminho, pensa em uma quinta com arvoredos e relvas fofas onde passeariam de mãos dadas, o som da água caindo, ou quem sabe era um terceiro andar – (**Ver crítica machadiana em Memórias póstumas**

de Brás Cubas). Lembra-se de um romance de Paulo Féval, em que o herói forra de cetins e tapeçaria o interior de uma choça. Ela conhecia o gosto de Basílio e o Paraíso com certeza seria como no romance de Paulo Féval. Imagina Basílio esperando-a estendido num divã de seda e chega a rezear que a sua simplicidade burguesa, sem experiência, não ache palavras finas ou carícias exaltadas, Mas a realidade era outra, era uma pocilga, uma casa amarelada. Um cheiro mole e salobro fê-la ter enjões. Basílio desce para recebê-la e reclama que a aguardava desde a uma hora.

No quarto, Luísa vê uma cama de ferro com colcha feita de remendos, os lençóis, nada de cetim, mas grossos de um branco encardido e mal lavado.

Escarlate e calada sentou-se. Basílio percebe o desapontamento da amante e justifica-se: era retirado e discreto, apesar de não muito luxuoso.

Luísa mordía os beiços, a batida na porta fê-la assustar-se. Basílio abriu e uma voz *adocicada ciciou*: sossegadinhos; suas chavezinhas.

Chovia, Luísa se entristecia e a cama era-lhe repugnante.

Enfim, Luísa tira o chapéu, Basílio beija-lhe o pescoço e ela sentindo um arrepio de frio nos ombros nus, abandona-se entre os joelhos de Basílio.

Juliana, mesmo tendo trabalho dobrado, com as saídas diária da patroa rumo ao Paraíso, não reclamava mais, mas sim cantarolava. Na rua, a vizinhança explode em comentários. Sebastião ficou aterrado quando tia Joana lhe deu as novidades: Luisinha saía todos os dias e o primo não ia mais à casa dela.

Sebastião recebe uma carta de Jorge perguntando de Luísa, estava preocupado, ficou cinco dias sem receber carta dela e quando recebeu eram apenas quatro linhas. Jorge pede ao amigo para ir fazer companhia à sua esposa que se sentia muito só.

No dia seguinte, Sebastião vai verificar como ia a esposa do amigo. Conversaram um pouco sobre os amigos e quando Luísa lhe pergunta quando Jorge voltava, Sebastião fica aterrado.

Saindo de lá, Sebastião vai à casa de Julião que estava a escrever uma tese, mas o médico põe-se a discutir com um estudante. Este, tenta explicar a criação usando a emoção, a fé, a religião, Deus; já o médico, na sua postura realista, usando a razão, atacava Deus com cólera, chamando-o de *“uma hipótese safada”*. Sem jeito para conversarem, Sebastião retira-se e pensa em ir falar com D. Felicidade, mas ela estava doente, havia torcido o pé.

Sebastião vai comprar uma cadeira pra D. Felicidade e lá, o vendedor diz-lhe que Luísa ia todos os dias na Encarnação visitar uma doente. Sebastião suspira aliviado; agora, todos os vizinhos vêem em Luisa, uma santinha e agora, quando sai à rua, não há mais cochichos e todos a cumprimentam.

No Paraíso, Basílio, demonstrava seu tédio, usava Luísa como se a estivesse pagando e demonstrava, às vezes, azedume para com ela.

Duas ou três vezes, quando Luísa voltava do Paraíso, deparara-se com Juliana, que também subia apressada, o moinho de vento. Agora, Juliana acabava os afazeres pela manhã e assim que Luísa dobrava a esquina, rumo ao Paraíso, a criada saía também, rumo à casa de uma amiga, tia Vitória o que deixava a cozinheira radiante, pois assim o caminho estaria livre para ela e o carpinteiro.

Tia Vitória, na época, era de grande utilidade, tanto para os empregados reles quanto para a criadagem fina, tinha despacho pra tudo. Emprestava dinheiro aos desempregados, guardava as economias dos poupados, escrevia, através do Sr. Gouveia, as cartas amorosas ou domésticas. Vendia vestidos usados, alugava casacas aconselhava, dirigia intrigas. Ultimamente, sempre que Juliana chegava, trancavam-se no escritório e depois Juliana saía vermelha, com os olhos brilhando de alegria.

A casa com as três mulheres transmitia felicidade: Luísa saía todos os dias, não ficava mais nervosa e sua antipatia por Juliana havia diminuído, achava-a uma pobre de Cristo.

Juliana por sua vez, tomava seus caldinhos, passeava e Joana, muito livre e só, recebia o seu amante. O conselheiro Acácio tinha ido viajar, Julião ocupava-se com a tese. A barca, segundo Juliana ia num mar de rosas, mas era ela quem ia no leme.

CAPÍTULO VII

Um dia, quando Luísa estava a caminho do Paraíso, encontra-se com Ernestinho, que feliz diz-lhe que a peça estava quase pronta e havia mudado o final, o marido perdoava à esposa adúltera e o casal se mudava para o estrangeiro.

No Paraíso, Luísa comenta com o amante que estavam se vendo demais, era uma imprudência, para sua decepção, ele simplesmente encolhe os ombros e fala que se ela não quisesse mais vir, tudo bem. Quando ela ia pôr o chapéu pra sair, ele a deteve e a cobre de beijos.

Em casa Luísa reconhece que Basílio a amava menos, agora, depois do último beijo, acendia o charuto como se tivesse terminado um janta e corria ao espelho pentear-se. Não a respeitava, tratava-a como a uma burguesinha sem educação; já Jorge, amava-a com respeito.

A mudança de Basílio faz o casal discutir. Luísa deixa o Paraíso e entra em casa, humilhada e exasperada. Joana havia saído e Luísa vai para o quarto.

No dia seguinte, começa a achar o Paraíso longe, estava calor e ela tem preguiça de se vestir. Recebe uma carta de Jorge, lastimando-se de saudades. Assim que ela acaba de responder a carta do marido, Juliana lhe entrega uma carta de Basílio, que desesperado pedia-lhe perdão e afirmava que a adorava.

Luísa hesita, não sabe que fazer e no dia seguinte, a dúvida persiste, não sabia se ia ou não. Mas acaba indo. Já no Paraíso Basílio a enraivece com seu modo de tratá-la, discutem e ela rompe tudo, ele se atira aos pés dela com os olhos úmidos e reatam o que a pouco terminara.

No dia seguinte, Paraíso, dessa vez, Basílio estava tão fervoroso como antes; tinha até cesta com lanches e champanhe.

Basílio ensina a Luísa a “verdadeira maneira de beber champanhe”: Enche a boca da bebida e num beijo, passa-a para a boca de Luísa; ela adorou. Luísa tinha toda a graça lânguida de uma pomba fatigada.

Basílio achava-a irresistível; “*quem, diria que uma burguesinha podia ser tão chic, tanta queda?*” – **Discurso Indireto Livre**

À noite, Luísa e Juliana vão à casa de Leopoldina, mas ela tinha ido ao Porto.

No dia seguinte, a caminho do Paraíso, Luísa depara-se com o conselheiro Acácio, ele tinha escrito um livro: **DESCRIÇÃO PITORESCA DAS PRINCIPAIS CIDADES DE PORTUGAL E SEUS MAIS FAMOSOS ESTABELECIMENTOS**. Esse contratempo fez com que ela se atrasasse e ao chegar ao Paraíso, Basílio já havia saído. Sentiu um desejo frenético de ver Basílio e ordenou ao coupé que fosse para o Hotel Central. Basílio também não estava lá. Vermelha e irritada chega em casa. Eram três horas da tarde e ao ver tudo desarrumado chama a atenção da criada que estremece frente à cólera da patroa. Luísa expulsa Juliana que diz batendo no peito, que sairia se quisesse e com voz estrangulada diz que nem todos os papéis foram parar no lixo, ela tinha as cartas que a senhora escrevia aos amantes. Luísa desmaia.

CAPÍTULO VIII

Luísa volta a si, Joana diz que Juliana estava mal, com as dores, Luísa deseja-lhe a morte, pois assim estaria livre.

Procura saídas para o seu drama, pensa que o melhor seria fugir com o amante. Ao arrumar a mala, percebe que a criada roubara algumas cartas que Basílio lhe escrevera.

Enquanto a patroa dorme, Juliana sonha com o dinheiro.

Luísa acorda tarde e vai ao Paraíso. Chegando lá, conta tudo ao amante e propõe a fuga. Basílio, diz que nem ele nem ela estavam preparados para a fuga e que ele tinha só trezentos mil-réis para ajudar; adverte-a para não fazer mais isso pois ele não estava ali para pagar as distrações dela. Luísa, ouvindo-o fazia-se branca. Ela, ofendida diz-lhe que o pagaria e ele retruca, dizendo que ela não tinha como pagá-lo.

Ele volta irritado para o hotel. Aquela história de adultério e criados, parecia-lhe muito trivial, muito burguês. enquanto aguarda pelo amigo, Reinaldo, Basílio pensa com horror na situação: ter que voltar a Paris acompanhado daquele trambolhozinho. Se tivesse trazido a Alphonsine, nada teria acontecido, não teria desinquietado a prima. Enfim, o romance fora agradável, havia o adúlteriozinho, o incestozinho, mas aquele episódio da criada estragara tudo, o único jeito era fugir – **Novamente o Discurso indireto livre revela a falta de caráter de Basílio.**

Basílio conta tudo a Reinaldo que ouve com ares de nojo. Reinaldo critica o tipo de amante que Luísa era, mas Basílio a defende dizendo que ela era deliciosa. Mesmo assim o amigo o aconselha a escrever-lhe uma carta de despedida e livrar-se da sarna. Basílio estava relutante.

No dia seguinte Basílio vai se despedir de Luísa, mostrando-lhe um telegrama de Paris. Ela o recebe com frieza. Com a partida, Luísa, desolada, sobe ao quarto. Juliana ao saber da fuga de Basílio, é movida pela cólera,. Invade o quarto da patroa e descarrega tudo, diz lhe que já estava cansada de trabalhar, queria descanso, ela ia pedir o dinheiro a Basílio, mas com a fuga dele, sua casa seria falada em Portugal. Luísa, com o pouco de orgulho que ainda lhe restava, pergunta-lhe o valor e Juliana diz seiscentos mil-réis para não revelar nada a Jorge.

Luísa chora e Juliana reage, dizendo-lhe que ela também tinha chorado muito e não a queria mal, queria apenas dinheiro.

Deitada Luísa pensa em pedir ajuda a Sebastião e à Leopoldina.

Ao levantar-se vai falar com Sebastião que lhe fala das cartas que recebera de Jorge. Luísa arranca uma da mão dele e lê e fica estarrecida. Seu marido tinha feito uma conquista também, era a mulher do estancieiro e havia também a mulher do delegado.

Juliana, a conselho de tia Vitória, volta a trabalhar na casa de Luísa, ficaria lá, até receber o dinheiro.

CAPÍTULO IX

Juliana toca no assunto do dinheiro, como Luísa não tinha, Juliana ameaça contar tudo a Jorge, mas se acalma com alguns mimos.

A única saída que encontra é escrever a Basílio, só que a resposta nunca chegava e ela se sente completamente só nesse problema.

Jorge telegrafa anunciando a sua volta. À noite Luísa tem outro pesadelo, sonha que ela, Jorge e Basílio estão encenando o drama de Ernestinho. Nele, Jorge a mata e o único amigo a defendê-la é Sebastião. Acorda com a voz de Jorge.

Dona Felicidade, Julião e o Conselheiro Acácio chegam e estranham o fato de as duas criadas estarem de folga dois dias. Conversam sobre o exame de Julião, a condecoração do Conselheiro Acácio, sobre o livro que estava escrevendo e para desespero de Luísa, sobre adultério, pois viam um livro com a ilustração de um marido se preparando para matar uma esposa adúltera.

Julião adverte Luísa sobre o problema cardíaco de Juliana e ela fica feliz em saber, pois para ela, a morte da criada seria a solução para o problema.

CAPÍTULO X

Jorge voltara todo amoroso.

Juliana reclama de tudo. Pede uma esteira, uma arca e roupas novas para preenchê-la e posteriormente muda-se para o quarto em que Jorge guardava coisas da família. Luísa enche Juliana de mimos e acaba tendo que dá-los a Joana também, pois a mesma estava enciumada. A fama de que o casal era bom patrão se espalha e chegam várias cartas de pessoas se oferecendo para trabalhar. Juliana passa a usufruir cada vez mais do conforto da casa, exigindo a mesma comida dos patrões, a levantar-se tarde. Já Luísa, passa a se levantar mais cedo para deixar o serviço em ordem. Jorge exige que Luísa mude de empregada, a esposa chora e Jorge Não consegue adivinhar o que acontece. A situação se agrava quando Jorge encontra Luísa com o ferro de engomar. Irado, joga-o no chão.

CAPÍTULO XI

O Conselheiro Acácio, em comemoração ao título recebido pelo governo, a condecoração de cavaleiro da ordem de São Tiago, dá um jantar em sua casa. Lá, Jorge, Julião, Sebastião, o Sr. Alves Coutinho e SAVEDRA, ouvem, de Conselheiro Acácio, a leitura de parte do seu livro *Descrições das Principais Cidades do Reino e seus Estabelecimentos*. Julião vai ao quarto do Conselheiro lavar as mãos, vê duas obras religiosas ao lado da cama e um livro de poesias obscenas de Bocage escondida na gaveta da cabeceira. Nota a marca de dois travesseiros na cama, o que revela a presença de uma amante: a criada do Conselheiro.

À mesa, a discussão atinge vários assuntos: religião, política e mulheres. Enquanto o Conselheiro se revela um conservador, Julião mostra o seu lado revolucionário: odeia a igreja e acha que a solução para Portugal seria a revolução com algum derramamento de sangue. – ***Percebe-se aí as características românticas (Conselheiro) X as características realistas (Julião).***

SAVEDRA diz Ter visto Luísa várias vezes na rua durante o verão, o que deixa Jorge constrangido. Durante o café com licores, todos notam a bela criada do Conselheiro. Numa escapada à biblioteca, Julião encontra várias obras do Conselheiro encalhadas.

Jorge, já em casa, questiona Luísa sobre suas saídas durante a sua ausência, a esposa argumenta que tinha ido visitar uma amiga da infância.

Um dia, Luísa desmaiou e Julião, irritado por Ter tido os preparativos finais para o seu exame interrompidos, vai atendê-la e diagnostica apenas cansaço. Mesmo doente, vai varrer a casa e é surpreendida severamente por Jorge.

Durante uma cavaqueira, Juliana desmaia na cozinha e Julião adverte Jorge de que a criada tinha uma doença grave, podendo morrer a qualquer momento.

Jorge decide despedi-la e Luísa se desespera.

No dia seguinte Luísa lê no jornal que o banqueiro partiria em breve e decide marcar, a través de Leopoldina, o encontro para se entregar a ele, o que a salvaria de Juliana. Castro e Luísa se encontram na casa de Leopoldina e quando ele tenta agarrá-la, ela se desvencilha dos braços do homem e o chicoteia, fato que faz Leopoldina rir. Luísa, desolada, deixa a casa da amiga, não conseguira o dinheiro.

CAPÍTULO XII

Enquanto Luísa passa roupas, Jorge surpreende Juliana deitada na poltrona lendo jornal. Irritado, questiona a esposa que diz que a criada está doente e começa a chorar. Jorge apelida a criada de “Rainha da casa”;

Juliana, temendo ao patrão, tenta assumir a sua função, mas sentia-se cada vez mais fraca e não conseguindo fazer o seu serviço direito, acaba irritando Jorge, que exaltado, despede-a aos gritos. Luísa fala com Juliana, mas a criada, além de não lhe dar atenção, acaba por ameaçá-la e chamá-la de puta. Joana não suporta toda aquela cena e se atira sobre a criada, dando-lhe uma bofetada. Juliana foge da cozinha, dizendo que ia embora. Luísa, aos prantos, pede à Juliana que fique e ela exige da patroa que despeça Joana. Luísa ajoelha-se aos pés da cozinheira e implora que ela se despeça sem dizer nada ao patrão. Joana por piedade da patroa aceita o pedido.

Juliana vai ao quarto de Luísa descansar e “manda a patroa” se comportar direito.

Luísa vai à casa de Sebastião e revela-lhe tudo. O amigo fica indignado e, muito comovido, arquiteta um plano para recuperar as cartas: arranja uma sessão de teatro, camarote e uma carruagem para buscar Jorge, Luísa e Dona Felicidade.

CAPÍTULO XIII

A peça a que foram assistir era o Fausto. No primeiro intervalo um colega de Jorge os encontra e deixa-os a par de que a mulher de um conhecido dos dois abandonara o marido. No segundo, Dona Felicidade se exalta com a presença do Conselheiro Acácio.

No terceiro ato, quando um tenor canta a ária da sedução de Margarida por Fausto, Luísa lembra-se da noite em que fora seduzida por Basílio e teme pelo que poderia estar acontecendo em sua casa naquele momento.

No início do quarto ato todos os pensamentos de Luísa estão voltados para a sua casa e em Sebastião. Enquanto todos estão assistindo à peça, Sebastião e um amigo, comissário de polícia, se dirigem e batem à casa de Jorge. Juliana abre a porta e enquanto o amigo aguarda na sala, Sebastião pede que a criada o acompanhe até a cozinha e exige as cartas de volta, caso contrário, ela seria presa. Juliana, sem saída, atende ao pedido e começa a xingar. Sebastião, sem se exaltar, ameaça-a com a mais absoluta miséria.

Juliana cospe no rosto de Sebastião e cai. Ele corre buscar Julião, mas o médico afirma que ela estava “irremediavelmente” morta, o desejo de Luísa se concretiza. O médico, faminto como sempre, vai à cozinha comer enquanto conta a Sebastião que não conseguira passar no concurso, mas como consolo, conseguira um cargo inferior.

Quando o casal chega, Sebastião deixa-os a par da novidade. Luísa se recusa a dormir em casa e vão passar a noite na casa de Sebastião.

CAPÍTULO XIV

Após a noite agitada, Luísa acorda com febre e segundo Julião, era apenas uma febre nervosa. Com a morte de Juliana, Joana volta a trabalhar na casa.

Mariana, a nova criada, acha Luísa um doce. Luísa começa a ter crises de febre e piora. Julião diz que o quadro inspirava cuidados. Era uma febre nervosa causada por algum tipo de excitação mental. Jorge recebe uma carta de Paris para Luísa e para não incomodar a esposa, abre-a. Era Basílio respondendo ao pedido de dinheiro que Luísa lhe fizera e como já havia se passado mais de dois meses ele esperava que o problema já houvesse sido solucionado. Termina por fazer-lhe juras de amor e referências ao Paraíso. Jorge chora e lembra-se de que não podia incomodar a esposa.

A pedido de Luísa, vai ao quarto, ela o vê aflito, quase chorando. Julião chega e o repreende por estar no quarto daquele jeito.

Jorge, com ciúmes e sofrimento, questiona o que havia acontecido e chega à conclusão de que a morta possuía o segredo. Mostra a carta a Sebastião que nada lhe revela e pede apenas que se acalme.

Luísa melhora gradativamente, tecendo planos e deixando Jorge cada vez mais angustiado.

Julião autoriza a presença de Luísa no encontro dos domingos à noite. O assunto era o sucesso da estréia de Ernestinho. O autor revela a Jorge que mudara o final, perdendo a heroína. Todos se lembram da postura inicial de Jorge em relação à mulher adúltera, mas ele confessa Ter mudado de idéia e nervoso, retira-se para o escritório.

Na hora de deixarem a casa, Julião brinca ao dizer que ia na mesma carruagem no meio de dois grandes movimentos de Portugal desde 1820. A literatura, representada por Ernestinho e o Constitucionalismo, pelo Conselheiro Acácio.

CAPÍTULO XV

Jorge encontra Luísa bem disposta e ela, ao ver sua tristeza o interroga. O marido estende-lhe a carta e ao ver a letra de Basílio, Luísa desmaia.

Ao acordar, depara-se com o rosto de Jorge e desmaia novamente. Acorda e chama Jorge, que lhe diz que a carta não lhe interessava mais. As dores de cabeça de Luísa se agravam, ela começa a suar frio, gritar com qualquer barulho, delirar, contorcer-se de dor, sentir muita sede e mencionar nomes estranhos o tempo todo. Julião diz que será necessário cortar o cabelo da paciente para que as compressas, façam efeito. Jorge implora para que o médico espere mais um dia e vara a noite em claro.

No dia seguinte, chega o barbeiro e Jorge, não suportando a cena, esconde-se no banheiro. – *percebe-se aí, a falta de profundidade psicológica de Jorge, que demonstra-se apegado à aparência da esposa ao não aceitar que cortem o cabelo dela, mesmo que seja para salvar-lhe a vida.*

Luísa melhora um pouco e Jorge pede que chamem um antigo médico da família, o Doutor Caminha.

Luísa, em um momento de lucidez, chama por Jorge e percebe que está careca. Pouco depois piora.

Doutor Caminha, ao chegar, coloca-lhe um cáustico, o que é inútil. Julião avisa a Sebastião de que Luísa estava perdida. Dona Felicidade quer chamar um padre, mas Julião não concorda. Dona Felicidade vai falar com Jorge, que desesperado, questiona os desígnios de Deus e da religião, ou seja, não era justo Deus fazer tudo aquilo com ele. Julião lembra a todos de que precisavam comer; Jorge tenta, mas não consegue. Ajoelha-se ao lado da esposa, implorando-lhe que melhorasse e rogando a Deus pela saúde da mesma.

Os médicos, em vão, tentam reanimá-la com conhaque. Sebastião retira Jorge do quarto, que abre uma caixa para contemplar os cabelos da mulher.

Enfim, Luísa morre.

CAPÍTULO XVI

Após o enterro Jorge despede as empregadas e vai morar com Sebastião. Dona Felicidade entra para um convento. Em casa, o Conselheiro Acácio enquanto escreve um necrológio cheio de lugares-comuns, é interrompido por Adelaide, sua criada e amante, que o chama para a cama.

Basílio retorna a Lisboa e ao chegar à casa de Luísa, é informado por Paula que Luísa morrera e que Jorge estava na casa de Sebastião. Ele empalidece e se despede.

A vizinhança comenta a falta de consideração do parente. Todos dizem que rezam para a defunta todas as noites, menos Paula que é contra a igreja. – *Postura anticlerical.*

Basílio e o visconde Reinaldo passeiam devagar e falam de Luísa. Para Reinaldo ela não era uma amante *chic*, andava em tipóias, usava meias de tear, casara com um reles

indivíduo da secretaria, vivia numa casinhola, não tinha *toilette*... era um trambolho. Basílio, de cabeça baixa responde que ela lhe serviu para os dois meses que ele ficara em Lisboa e lamentando não ter trazido Alphonsine, vão tomar Xerez na Taverna Inglesa.

PERSONAGENS:

PROTAGONISTAS:

Luísa: Moça da burguesia lisboeta, sem personalidade (ausência de caráter), pois trai o marido com o primo; influenciada pela leitura de romances folhetinesco, acaba vivendo longe da realidade, acreditando em amores impossíveis. Deixa-se dominar por todos e a todos teme; sua incapacidade de tomar decisões, fazem-na uma personalidade plana, sem profundidade psicológica. Seu comportamento assemelha-se ao das heroínas românticas.

Jorge: burguês, engenheiro de minas, marido de Luísa. Revela um comportamento conservador, o que não afasta a superficialidade de suas convicções, pois no início do romance ele diz que a mulher adúltera merece a morte, só que quando estava viajando escreve a Sebastião, relatando sobre os seus casos na província.. Logo, o que vale para a esposa, não vale para ele, mas quando descobre o adultério da sua esposa, ele acaba perdoando-a quando ela estava morrendo, fato em que ele é parcialmente culpado.

Basílio: Basílio de Brito, primo de Luísa, vaidoso, egoísta. Tem suas aventuras amorosas para passar o tempo, sem se envolver e sem se comprometer. Falso aristocrata, quer fazer o gênero chique, dos modos finos e elegantes, mas no fundo não passa de um vulgar.

ANTAGONISTA:

Juliana Tavra Couceiro: possui profundidade psicológica, engomadeira, criada de Jorge e Luísa. Mulher doente, com problemas cardíacos. Nunca teve namorado, em sua vida só tem satisfações

em comer bem, comprar botinhas e xingar as patroas, comprazendo-se das desgraças das mesmas. Sempre azeda,

A profundidade do seu ódio e do despeito, contrapõe-se a superficialidade dos sentimentos dos outros personagens. O fato de se sentir social e humanamente rebaixada, faz com que ela aja por necessidade, daí a vingança, a chantagem. Juliana representa, acima de tudo, a revolta da classe trabalhista explorada pela burguesia. Ela é a revolta de classes.

Na concepção machadiana, é a personagem melhor construída no romance.

SECUNDÁRIOS:

Conselheiro Acácio: burocrata, cheio de formalidades, adora mostrar-se inteligente mas as suas falas mostram-se banais, cheias de clichês e de palavras difíceis. Na aparência demonstra ser um defensor da boa moral e do bons costumes, mas é amante de sua criada, Adelaide. “ tudo nele cheira a falso e gratuito”.

Dona Felicidade: solteirona cinquentona, sofre de dispepsia e de gases. Sua situação financeira abastada faz com que ela viva cuidando da sua imagem social e visitando as igrejas. Apaixonada platonicamente pelo Conselheiro Acácio, com quem tem sonhos lascivos. Suas características representam o modo caricatural e grotesco do naturalismo, fazendo com que a mesma represente o elemento feminino se sujeitando à força dos instintos, sendo ignorada soberanamente pelo Conselheiro Acácio.

Julião Zuzarte: parente distante de Jorge. Usa roupas rotas e sujas, em seu casaco escuro destacam-se as caspas. Por ser um médico fracassado, demonstra desprezo pelos ricos e vive tecendo comentários cínicos, mas no fundo, o que sente é inveja e despeito pelo sucesso alheio. No final, ao conseguir um cargo público, abandona as idéias revolucionárias.

O seu comportamento invejoso e o “ódio que sente pelos ricos”, assemelham-no de Juliana.

Ernestinho Ledesma: magro e pequeno, primo de Jorge. É escritor de peças teatrais, representa a literaturinha acéfala, a que se refere o autor na carta a Teófilo Braga.

Sebastião: é o único que escapa da vacuidade que existente em todos os personagens da classe média. Bom e fiel amigo para todas as horas. É o único com quem Luísa pode contar.

Leopoldina de Quebrais: amiga de Luísa desde a infância. Troca de amantes com o marido troca de roupa, fato que destaca a sua leviandade.

LINGUAGEM

- Influenciado por Gustave Flaubert, adquiriu a técnica impressionista, na descrição sugestiva de cenas, ambientes e personagens. Na narrativa é imparcial e objetivo, característica notadamente realista. Mas ao narrar a cena amorosa de Luísa com Basílio no Paraíso, encheu-se de lirismo, dando uma conotação subjetiva repleta de sensualidade.
- **Onomatopéia:** “- Psit, Sebastião!”
- **Sinestesia e zoomorfismo:** “voz adocicada ciciou”
- **Discurso Indireto Livre:** presente em várias passagens. É a fala interior do personagem.
 - Em **Juliana** revela a sua aparência servil e sua essência revoltada.
 - Em **Luísa**, o caráter frívolo e sonhador da mulher romântica.
 - Em **Basílio**, o sexo por necessidade biológica, posto que na aparência, jurava amar Luísa.
- **Intertextualidade:** Bocage, Fauto, Féval

CARACTERÍSTICAS:

- **Lei das selvas:**

| | | |
|--------------|----------|----------------|
| Forte | X | Fraco |
| Dominate | X | Dominado |
| Burguesia | X | Proletariado |
| Luísa | X | Juliana |

- **Determinismo:**

- Luísa de tanto ler romances românticos, tornou-se acéfala
- Luísa na ausência de Jorge tornou-se adúltera.

- **O homem age por interesse:**

Juliana agradava a Sra. Virgínia pensando na herança

- **Crítica ao Romantismo:**

Luísa, de tanto ler romances românticos torna-se acéfala e frívola; tanto que passa a agir e querer ter uma vida semelhante às das heroínas.

- **Crítica ao comportamento feminino, à ociosidade da mulher burguesa:**

Mulher acéfala: **Luísa e D. Felicidade**

Mulher adúltera: **Luísa**

Mulher prostituta: **Leopoldina**

- **Crítica ao charlatanismo:**

D. Felicidade quer ir a uma bruxa fazer sortilégios pra ela arranjar casamentos

Leonardo Pataca, em Memórias de um Sargento de Milícias vai a um feiticeiro fazer mandingas para reconquistar a cigana.

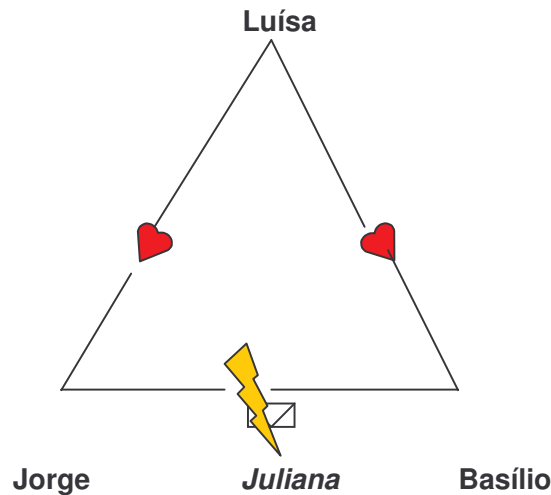
- **Naturalismo / zoomorfismo**

Modo caricatural e grotesco nas descrições dos personagens, muitas vezes assemelhando-se a animais irracionais: Ex. Descrição de D. Felicidade, personagens com pele com de melão, "*Luisa, como se fosse uma pomba fatigada*"...

- **Anticlericalismo e cientificismo:**

Julião, por ser médico, não acreditar em Deus e não gostar de padres, representa a ciência, a razão. Para ele, Deus como criador do universo, não passava de uma "*hipótese safada*".

- **Triângulo amoroso:**



EXERCÍCIOS:

1.

a) Compare Luísa e Juliana, personagens femininas de *O primo Basílio*, explicando o porquê de Juliana, ser considerada, por Machado de Assis, a personagem melhor construída.

b) Cite e explique as características realistas nelas presentes, bem como as classes sociais envolvidas.

2. "Hoje ele estava mais pálido que o normal e explica aos amigos que o motivo era por estar terminando um ensaio de sua primeira peça importante: *Honra e paixão* e estava preocupado, por estar tendo uma disputa com o produtor da peça...."

a) Quem é o personagem acima e o que ele representa?

b) Qual era o motivo da sua disputa com o produtor da peça?

c) Nessa disputa, qual é o final vencedor? Explique-o de acordo com os preceitos do Realismo.

3. **"Eu condenara a arte pela arte, o romantismo, a arte sensual e idealista – e apresentara a idéia de uma restauração literária, pela arte moral, pelo Realismo, pela arte experimental e racional".**

(Eça de Queirós)

Neste texto, Eça de Queirós explicita os princípios estéticos que iria pôr em prática no romance **O primo Basílio** e em outras de suas obras, opondo nitidamente os elementos que ele condena aos elementos que ele aprova.

a) Em **O primo Basílio**, qual a principal manifestação dessa condenação do "romantismo" e "da arte sensual e idealista"? Explique sucintamente.

b) Nesse mesmo romance, como se realiza o projeto de praticar uma "arte experimental e racional"?

4.

a) De que modo o foco narrativo de *O primo Basílio* relaciona-se ao propósito crítico do Realismo?

b) Apesar de o romance ser realista, o final trágico de Luísa encaixa-se no Romantismo, por quê?

5.

a) No início do romance *O primo Basílio*, Jorge assume uma posição bem definida em relação à mulher adúltera. Qual era essa posição e que incidente o levou a externá-la?

a) A posição final de Jorge diante da traição da esposa é coerente com o seu pronunciamento inicial? Comente o comportamento de Jorge.

6. Quais são os traços de objetividade e os de subjetividade na linguagem de *O primo Basílio*?

7 – Em *O Primo Basílio* tem-se, em dado momento, uma discussão entre dois personagens com posturas ideológicas diferentes, uma voltada para o Romantismo e outra para o Realismo.

a) Quem são eles?

b) Qual são as posturas? Explique-as

8. *"Jorge foi heróico durante toda essa tarde. Não podia estar muito na alcova de Luísa, a desesperação trazia-o num movimento contraditório: (...) aconchegava-se a roupa com as mãos trêmulas, ficava imóvel a fitá-la, como para lhe surpreender no rosto o vestígio de beijos alheios, esperando ouvir-lhe nalgum sonho da febre murmurar um nome; e amava-a mais desde que a supunha infiel... depois ia fechar-se no escritório..."*
(*Eça de Queirós, O primo Basílio*)

No trecho, o narrador descreve as reações de Jorge, que vive num conflito íntimo entre a piedade e o ódio: tem de cuidar da esposa Luísa, muito doente, embora tenha sabido, pela leitura de uma carta, que ela o traíra com Basílio. Nessas poucas linhas podem-se perceber características da ficção realista, à exceção de

a) a análise psicológica.

b) a narrativa lenta.

c) a objetividade.

d) a comparação zoomórfica.

e) a descrição.

9.. Empenhado em diagnosticar problemas da sociedade, o romance realista-naturalista os toma como peças de demonstração de tese. Com *O Primo Basílio*, *Eça de Queirós* trata o adultério na sociedade lisboeta, buscando as causas que teriam levado Luísa, a personagem principal, a cometê-lo.

Escolha dentre as alternativas seguintes a que mais se aproxima das causas que abriram a Luísa o caminho do adultério.

a) Personalidade forte, Luísa conduz a ação de acordo com suas ambições pessoais.

b) Frívola e em disponibilidade, ela fica mercê de circunstâncias propícias.

c) Doentamente apaixonada pelo primo, deixa-se conduzir sem opor resistência.

d) Insatisfeita com o marido, burguês insensível, busca na aventura sua satisfação.

e) Conhecedora dos casos extraconjugais do marido, procura uma forma de vingança.

10. Ao criticar *O Primo Basílio*, Machado de Assis afirmou: "(...) a Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes uma títere que uma pessoa moral. Títere é um boneco mecânico, acionado por cordéis controlados por um manipulador. Nesse sentido, as personagens que, principalmente, manipulam Luísa, determinando-lhe o modo de agir, são:

- a) Basílio e Juliana
- b) Jorge e Justina
- c) Jorge, Conselheiro Acácio e Juliana
- d) Basílio, Leopoldina e Conselheiro Acácio
- e) Jorge e Leopoldina